

COMPLEXO DE PROTEÍNAS ANIMAIS: DESEMPENHO DAS ATIVIDADES EM 1995

Valéria da Silva Peetz¹
Eloisa Elena Bortoleto²
Carlos R. F. Bueno³

1 - INTRODUÇÃO

A produção mundial do complexo de proteínas animais (carnes bovina, suína, frango e ovos) tem crescido continuamente ao longo da presente década. No conjunto carnes, a expansão observada é da ordem de 2,5% ao ano, e a produção agregada prevista para 1995 é de 148 milhões de toneladas, contra 131 milhões de toneladas produzidas em 1994, de acordo com estatísticas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

O consumo mundial de carnes também tem crescido em proporção equivalente à expansão da produção, e está estimado em 145 milhões de toneladas em 1995.

A carne suína ocupa posição hegemônica em relação às demais carnes, tanto em termos de produção como de consumo (71,2 milhões de toneladas e 71,1 milhões de toneladas respectivamente), seguida da carne bovina (produção estimada em 44,5 milhões de toneladas e consumo em 43,8 milhões de toneladas) e da carne de frango (32,9 milhões de toneladas previstas para produção e 30,1 milhões de toneladas para o consumo).

A carne de frango, apesar de ocupar a terceira posição no *ranking* mundial, tem apresentado participação crescente no conjunto carnes, decorrência das mudanças nos hábitos alimentares, principalmente nos países desenvolvidos, em detrimento da participação da carne bovina. No início dos anos 90, a carne de frango representava 18,5% da oferta e 18% da demanda mundial de carne, passando para 22% e 21%, respectivamente, em 1995. A carne bovina, por sua vez, representa, atualmente, 30% da produção e do consumo mundial de produtos cárneos, contra a participação de 35% observada em 1990.

A produção mundial de ovos deverá totalizar 627 milhões de unidades em 1995, com consumo previsto em 529 milhões de unidades, seguindo, pois,

a trajetória ascendente da oferta e demanda mundiais das demais proteínas animais.

Acompanhando a tendência mundial, a produção brasileira de proteína animal apresentou franca expansão em 1995, em resposta às perspectivas favoráveis de recuperação da economia nacional a partir da implementação do Plano Real em julho de 1994. Os preços favoráveis constatados no mercado de carnes no segundo semestre do ano passado, aliado à *performance* também favorável de crescimento da demanda interna, pela recuperação do poder aquisitivo da população esperada para 1995, impactaram positivamente as atividades da pecuária nacional, tanto que o conjunto carnes deverá concretizar produção de 9,8 milhões de toneladas, contra 9,2 milhões de toneladas produzidas em 1994.

2 - AVICULTURA DE CORTE E DE POSTURA

A produção mundial de carne de frango esperada para 1995 (aproximadamente 33 milhões de toneladas) supera em 5,6% o total produzido em 1994.

Os maiores produtores de carne de frango são os Estados Unidos (EUA), seguidos pela União Européia (UE), Brasil e China. Já os principais importadores são, em ordem decrescente, União Européia, Hong Kong, Federação Russa, Japão e Arábia Saudita.

É interessante registrar as proporções do aumento da produção de carne de frango nos EUA: 10,7 milhões de toneladas em 1994 (7,5% acima do ano anterior), com uma previsão de 11,4 milhões de toneladas para 1995, o que representa um crescimento de 6,5%. Atente-se, também, para a evolução do frango de corte na China, com um total de 3,4 milhões de toneladas em 1994 (mais 21% sobre 1993) e previsão de 3,8 milhões de toneladas em 1995 (mais 11,8% sobre 1994), equiparando-se à

produção brasileira nos últimos dois anos. Essa expansão na China, segundo observadores do setor, reflete a opção daquele país pela avicultura como fonte preferencial de proteína animal em grande escala, não obstante a expressão de sua suinocultura.

A produção de ovos nos principais países do mundo está prevista em 627,5 bilhões de unidades, superior em 5,4% a de 1994. A China detém a primeira posição, respondendo por mais de 40% do total produzido mundialmente, ou seja, 290 bilhões de ovos em 1995 (11,5% superior a 1994). Tal crescimento deve-se ao desenvolvimento obtido no manejo e nutrição das aves.

Na UE, o volume deverá permanecer estável, em torno de 79,8 bilhões de unidades e nos EUA, o aumento esperado é de apenas 1,6% (74,0 bilhões de ovos).

Prevê-se que as exportações mundiais de ovos não sofrerão alterações significativas em 1995, se comparadas com as de 1994. A Holanda, responsável por 46% do comércio internacional de ovos, e os EUA deverão manter o mesmo volume de vendas externas. Entre os países importadores, a Alemanha detém a liderança, seguindo-se Japão e Hong Kong.

Considerando-se a produção de frango de corte por país, o Brasil, que tradicionalmente ocupava o segundo lugar, precedido pelos EUA, corre risco de ser ultrapassado pela China. As estimativas apontam iguais quantidades produzidas em ambas as nações, de 3,4 e 3,8 bilhões de toneladas, respectivamente, para 1994 e 1995.

A pressão dos subsídios à exportação de alimentos, praticados principalmente pelos países da UE, e as compensações às exportações recebidas pelos produtores dos EUA têm penalizado a participação dos países em desenvolvimento no comércio internacional. Em 1995, a política cambial praticada no Brasil, com valorização do real em relação ao dólar, teve impacto negativo no movimento exportador do complexo carnes e, particularmente no caso de carne de frango, o País deverá perder a segunda colocação no *ranking* mundial para a França⁴. Por outro lado, a redução prevista no volume a ser exportado em 1995 (400 mil toneladas contra 481 mil toneladas em 1994) deve-se à retração das vendas externas de frango inteiro (da ordem de 30%), pois o mercado interno apresentou-se mais atrativo. Conseqüentemente, no decorrer de 1995, o Brasil perdeu merca-

dos importantes, pois, se a Arábia Saudita continua a ser o maior comprador do Brasil, o Oriente Médio, enquanto bloco econômico, diminuiu sua participação relativa no *ranking* de compradores do frango brasileiro. Em contrapartida o crescimento da participação dos cortes de frango nas exportações tem garantido a receita (a despeito da queda no volume exportado), e o Extremo Oriente (com destaque para Japão e Hong Kong, atualmente segundo comprador de frango do Brasil e primeiro de frango em pedaços, respectivamente), vem-se apresentando como importante mercado.

De janeiro a setembro de 1995 foram vendidas, externamente, 298,2 mil toneladas de carne de frango, no valor de US\$432,2 milhões, contra 367,8 mil toneladas que movimentaram US\$422 milhões em 1994. Esse resultado reforça o acerto dos exportadores brasileiros em privilegiar as vendas de produtos com maior valor agregado⁵.

A avicultura de corte nacional prossegue sua marcha de crescimento, independentemente da crise cambial que dificulta as exportações, impulsionada basicamente pela firme demanda do mercado interno, graças à maior atratividade de seus preços, comparativamente aos preços das carnes bovina e suína (Figura 1).

Nos últimos 25 anos, o consumo interno *per capita* de carne de frango evoluiu de modestos 2,3kg, em 1970, para 18,0kg, em 1994 (perto de 700%). O consumo estimado para 1995 é de 23kg *per capita*, o que representa um crescimento de 27% em relação ao ano anterior. Contribuíram, para tal *performance* do complexo avícola em 1995, uma maior participação de empresas de refeições coletivas, *fast foods* e restaurantes, além das inúmeras promoções bancadas pelos supermercados em função de um excesso de oferta no mercado⁶.

Outro parâmetro que reflete o crescimento de carnes e ovos, em 1995, é fornecido pelo consumo de rações comerciais no Brasil. De acordo com estimativas da Associação Nacional dos Fabricantes de Rações (ANFAR), o consumo de ração comercial para avicultura de corte e postura, suinocultura e bovinocultura deverá crescer 8% em 1995, comparativamente a 1994. O maior acréscimo é verificado na avicultura (da ordem de 9,7%), atividade responsável por 80% do total consumido.

As Regiões Sul e Sudeste produzem, con-

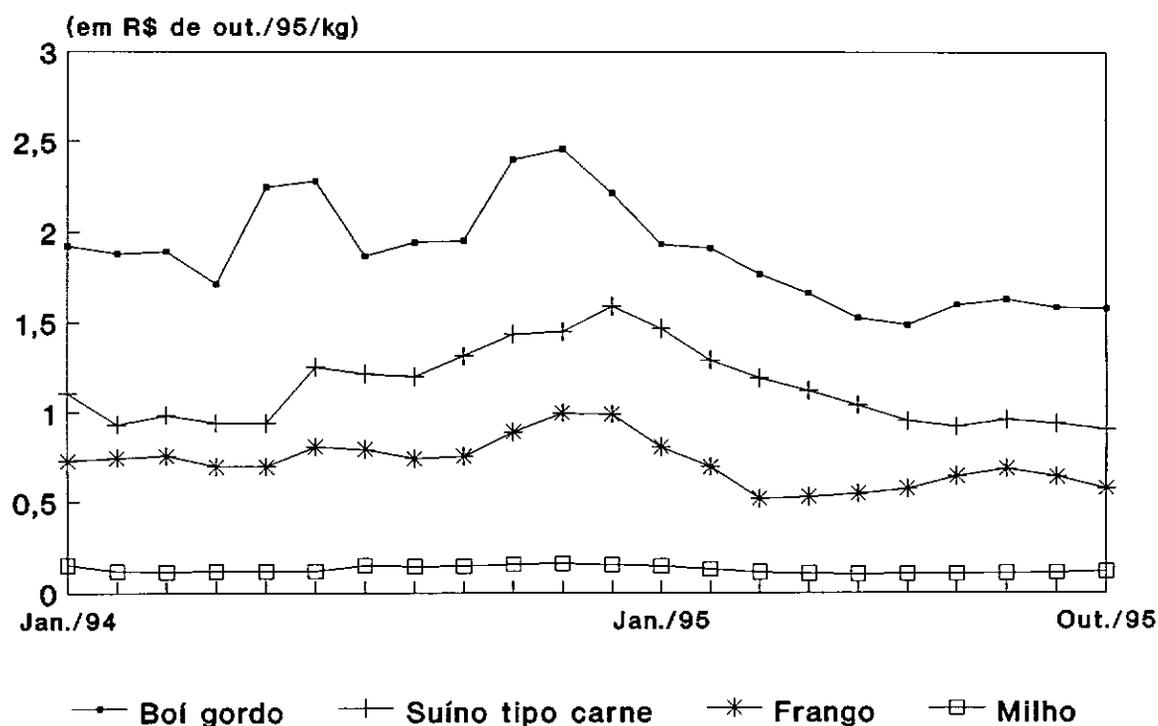


FIGURA 1 - Preços Médios Mensais Recebidos Pelos Produtores de Carne, Estado de São Paulo, 1994-95.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

juntamente, 85% dos pintos de corte e mais de 75% da carne de frango. São Paulo detém a liderança em termos de alojamento de pintos comerciais (40% do total nacional) e também na produção de pintos de corte (21% do total nacional). Santa Catarina, por sua vez, detém a liderança em termos de produção de frango (respondendo por 20% dos abates nacionais), com São Paulo ocupando o segundo lugar.

A produção brasileira de carne de frango deverá ultrapassar 3,8 milhões de toneladas em 1995, 10% e 21% superior às de 1994 e 1993, respectivamente, pelas previsões da Associação Nacional dos Abatedouros (ANAB).

A oferta de pintos de um dia vem batendo seu próprio recorde nos últimos três anos. Em 1994, a avicultura utilizou quase que a totalidade da capacidade estrutural instalada, realizando, inclusive, novos investimentos, face às perspectivas de aumento da demanda. Foram alojados 2,32 bilhões de pintos, o que representa evolução de cerca de 155% em uma década, e de 10% em um ano. Espera-se, para 1995, novo recorde de 2,55 bilhões de pintinhos (mais 10%

sobre o ano anterior), conforme estimativa da Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte (APINCO). Em outubro, os avicultores realizaram alojamento estimado em 223 milhões de pintos de um dia (maior marca já alcançada), que deverão estar prontos para abate em dezembro, historicamente mês de consumo e preços máximos de aves.

Entre setembro e outubro de 1995, o preço médio do frango vivo, ao produtor paulista, caiu de R\$0,63/kg para R\$0,58/kg, enquanto o custo médio de produção de frango elevou-se de R\$0,60 para R\$0,62/kg no mesmo período, refletindo, por um lado, o excesso de oferta e, por outro, o aumento dos preços dos principais insumos da ração avícola (milho e soja). Esse desequilíbrio deveu-se, principalmente, ao fato de que os leilões, para escoamento do milho em poder do Governo, foram iniciados num patamar de preços superior àquele que seria considerado como preço normal de mercado nesse período. Entretanto, a partir de novembro, esse desequilíbrio foi solucionado, uma vez que a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) passou a adotar nos

leilões a sistemática de Prêmio de Liquidação de Estoques.

A manutenção da estrutura produtiva da avicultura, nos níveis observados em 1995, depende das expectativas de reação positiva da demanda para 1996, o que, em não se verificando, poderia implicar descarte de matrizes com impacto negativo nos preços de frangos e ovos.

O Brasil não tem na produção de ovos a mesma expressão em nível mundial, que apresenta na de carne de frango, limitando sua participação a 2,5% do total previsto para 1995. No mercado interno, todavia, o segmento de postura aponta um crescimento da ordem de 19%, passando de 13,4 bilhões de ovos em 1994 para 16 bilhões em 1995. Estima-se que o consumo *per capita* anual elevou-se de 92 unidades para 100 unidades no mesmo período.

É importante observar que após declínio de produção de ovos em 1992, a retomada de crescimento, a partir de 1993, prevalece até hoje. Atribuiu-se essa recuperação a iniciativas como campanhas publicitárias e promoções nos postos de vendas, orientadas para estimular o consumo. Apesar de a industrialização de ovos ser ainda limitada no Brasil (menos de 4%), existe grande potencial para esse segmento pela tendência de crescimento do consumo de alimentos industrializados.

3 - BOVINOCULTURA DE CORTE

A produção mundial de carne bovina em 1995 deverá apresentar decréscimo de 0,4% em relação a 1994, estando estimada em 44,5 milhões de toneladas. Dentre os principais países produtores destacam-se EUA (11,3 milhões de toneladas), UE-12 (7,6 milhões de toneladas), Brasil (4,6 milhões de toneladas), China (3,0 milhões de toneladas), Federação Russa (2,6 milhões de toneladas) e Argentina (2,5 milhões de toneladas).

A China deverá apresentar o maior percentual de crescimento na produção (11,1%), totalizando 3 milhões de toneladas, respondendo à expressiva elevação do consumo *per capita* observada nos anos recentes (crescimento médio de 24% ao ano, a partir de 1990), propiciando retornos favoráveis ao produtor, e conseqüente estímulo à expansão do rebanho. Em 1995, o consumo previsto é de 2,9 milhões

de toneladas (11,5% superior àquele observado em 1994).

Para a Federação Russa está projetado um decréscimo de 16,1% na produção de carne bovina (estimada em 2,6 milhões de toneladas), como reflexo da continuidade do ajustamento econômico nos países que a compõe. Entre 1990 e 1995, a redução registrada do rebanho bovino foi da ordem 24,5%; a da produção, de 39,4%; e a do consumo *per capita* de carne bovina da ordem de 43,7%.

EUA e Canadá deverão produzir, em 1995, 11,3 milhões e 980 mil toneladas, respectivamente, de carne bovina (crescimento de 1,8% nos EUA e de 5% no Canadá), enquanto no México o decréscimo estimado em 6% (produção prevista em 1,7 milhão de toneladas) decorre dos sérios problemas econômicos do país.

O fluxo do comércio internacional de carne bovina, em 1995, deverá movimentar cerca de 6,6 milhões de toneladas em exportações: UE (2,5 milhões de toneladas intra-UE), Austrália (1,1 milhão de toneladas) e EUA (778 mil toneladas), são os maiores exportadores de carne bovina em nível mundial. No movimento importador (previsto em 5,8 milhões de toneladas), as maiores expressões estão na União Européia (2,1 milhões de toneladas intra-UE), nos EUA (1,1 milhão de toneladas) e no Japão (890 mil toneladas).

Considerando-se a produção por país, o Brasil ocupa o segundo lugar no *ranking* mundial. Em termos de blocos econômicos, o MERCOSUL (principalmente Argentina, Brasil e Uruguai) deverá manter sua posição de quarto exportador, com o total de 840 mil toneladas em 1995, apresentando um crescimento de 6,4% em relação a 1994, a despeito do decréscimo esperado nas exportações brasileiras.

A produção nacional estimada em 4,6 milhões de toneladas, para 1995, supera em 2,2% a registrada no ano anterior, cabendo ao Estado de São Paulo 10% desse total. O consumo brasileiro de carne bovina deverá atingir 4,3 milhões de toneladas (26,3kg *per capita*, em média), sendo que o Estado de São Paulo se destaca como maior consumidor (35kg *per capita*).

De acordo com informantes qualificados da bovinocultura nacional, a valorização dos preços do boi gordo, em 31,5% (em termos reais) no segundo semestre de 1994 (decorrência da menor disponibili-

dade de animais para abate, pela ocorrência de geadas seguidas por intensa estiagem), o bom de nível de preços ao produtor, bem como dos principais componentes da ração no primeiro semestre de 1995, e o aumento do consumo esperado em função da implementação do Plano Real foram fatores de estímulo à prática do confinamento em 1995 (Figuras 1 e 2).

De acordo com o Sindicato Nacional dos Pecuáristas de Gado de Corte, o número de animais confinados em 1995 está estimado 1,3 milhão de cabeças (37% superior a 1994), representando 312 mil toneladas de carne ofertadas no mercado. O número de criadores que atualmente utilizam esse sistema é da ordem de 20 mil pecuaristas.

Por outro lado, o resultado econômico do confinamento não deverá ser tão favorável quanto o verificado em 1994, uma vez que a cotação do boi gordo em outubro de 1995 foi de R\$23,74/arroba, insuficiente para cobrir o custo mínimo dessa prática de engorda, estimado em R\$25,00/arroba.

A competitividade brasileira no mercado

internacional de carne bovina esteve comprometida em 1995, pela elevação dos preços do produto nacional em relação aos demais países exportadores, principalmente, os da América do Sul.

A redução esperada no volume exportado, para 1995, é da ordem de 20%, não devendo ultrapassar 280 mil toneladas, segundo a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC). Essa redução implica perda significativa de participação do Brasil no mercado mundial. Estão previstos crescimentos nos volumes a serem exportados pela Argentina (11%) e pelo Uruguai (28%).

Por outro lado, a importação de carne bovina deverá aumentar das 60 mil toneladas, em 1994, para aproximadamente 120 mil toneladas em 1995. As indústrias brasileiras têm sido estimuladas a recorrer aos mercados Argentino e Uruguaio, pelos menores preços praticados nesses países em 1995.

Acrescente-se ainda que, a posição do Uruguai frente ao mercado mundial deverá melhorar sensivelmente, com a certificação internacional de

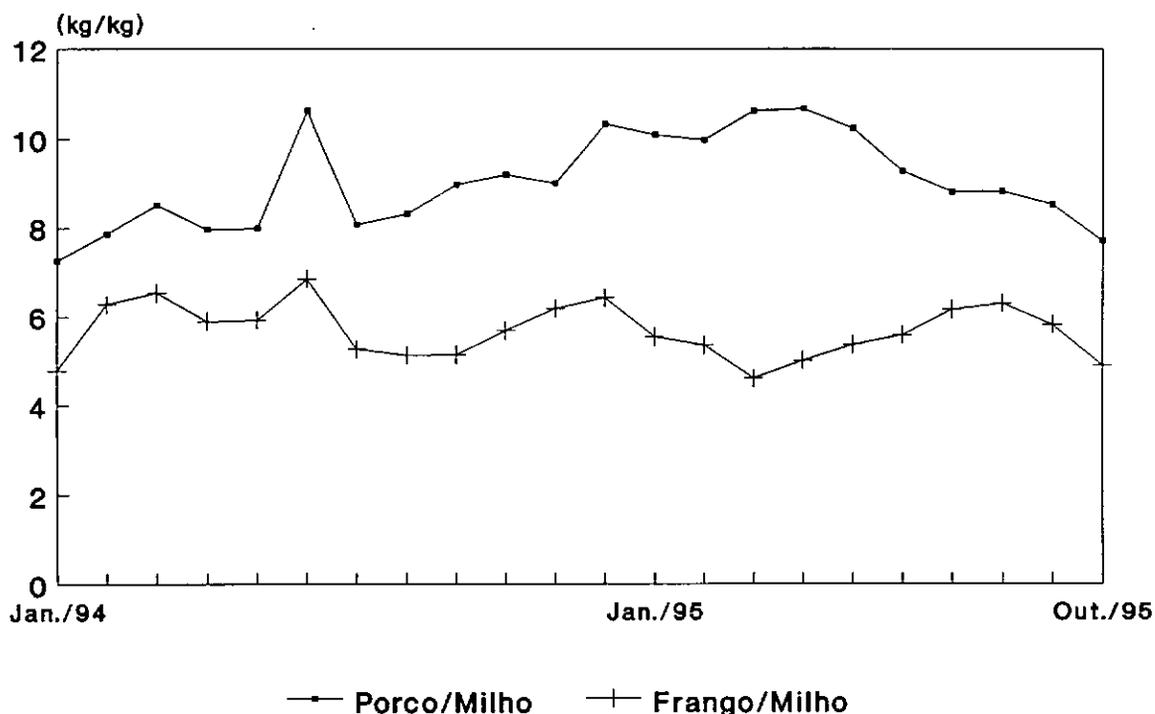


FIGURA 2 - Relação de Preços Porco/Milho, Frango/Milho, 1994/95.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA).

território livre de febre aftosa, propiciando ao país um tratamento diferenciado, a exemplo do ocorrido na Austrália e Nova Zelândia.

As tendências de curto prazo para a bovinocultura brasileira são de adequação da oferta à uma demanda reprimida, e sem grandes perspectivas de reação. Por outro lado, um ajuste cambial numa paridade que viabilizasse a retomada das exportações nacionais constituiria valiosa oportunidade de escoamento de eventuais excedentes internos em 1996.

Entretanto, é necessário considerar que, a exemplo do Uruguai, o Brasil intensifique esforços para erradicação da febre aftosa, tendo em vista redução de perdas diretas e eliminação das restrições impostas pelo comércio internacional.

4 - SUINOCULTURA

A produção mundial de carne suína, em 1995, projetada em aproximadamente 71,2 milhões de toneladas, supera em 4% a de 1994, e em 16% àquela auferida no início da década de 90 (um crescimento médio da ordem de 3% ao ano). Dentre os principais produtores mundiais a liderança prevalece com a China (34 milhões de toneladas), seguida dos países membros da UE (somando 14 milhões de toneladas), Estados Unidos (8 milhões de toneladas), Federação Russa (2,9 milhões de toneladas) e Leste Europeu (2,3 milhões de toneladas). A América do Sul ocupa o sexto lugar no *ranking* mundial, pela expressão da produção brasileira, estimada em 1,4 milhão de toneladas para 1995.

Deverão ser consumidas, em 1995, cerca de 71,1 milhões de toneladas de carne suína, destacando-se como principais consumidores, China (33,8 milhões de toneladas), UE (14 milhões de toneladas), EUA (8,2 milhões de toneladas), Federação Russa (2,2 milhões de toneladas), Japão (2 milhões de toneladas), Polônia (1,4 milhão de toneladas), Brasil (1,3 milhão de toneladas) e México (1 milhão de toneladas). A Dinamarca detém a hegemonia do consumo mundial de carne suína (76kg *per capita* previstos para 1995), cabendo o segundo e terceiro lugares para a Bélgica-Luxemburgo (58kg *per capita*) e Espanha (53kg *per capita*).

O balanço do comércio internacional da carne suína, para 1995, mostra que as importações

mundiais deverão somar 4,6 milhões de toneladas, com o maior movimento importador permanecendo por conta dos países membros da UE (2,7 milhões de toneladas intra-UE) e, que as exportações serão de 4,8 milhões de toneladas, com a maior expressão também no movimento intra-UE (3,4 milhões de toneladas). Complementarmente, Japão, Federação Russa, EUA e Hong Kong participam como grandes compradores no mercado mundial, uma vez que não são auto-suficientes no suprimento de suas demandas domésticas, e Canadá, Taiwan e China como ofertantes do produto no mercado internacional, depois dos países membros da UE.

O estoque mundial, estimado em 1º de janeiro de 1995, foi da ordem de 866 mil toneladas contra 869 mil registrados em 1994. Desse total, cerca de 44% estariam por conta da UE, 24,5% nos EUA e Canadá, 18,5% nos países Asiáticos, 12,5% no Leste Europeu, e o restante por conta da Áustria, Suíça e Suécia. Uma vez que se confirme o balanço da oferta e demanda mundiais de carne suína, o *carry-over* para 1996 deverá ser equivalente ao estimado para o corrente ano.

Contrariamente à posição de destaque que ocupa no mercado mundial, a carne suína no Brasil enfrenta uma bagagem bastante negativa e preconceituosa em termos de qualidade tanto para aspectos nutricionais quanto sanitários, principalmente para o produto *in natura*.

O consumo brasileiro de carne suína é inferior a 15% do total de produtos cárneos consumidos no País, e tem se situado, em média, entre 7 e 8kg *per capita* na presente década.

As estatísticas recentes do USDA, da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-FIBGE e as projeções da Associação Brasileira de Produtores de Suínos (ABCS) indicam que a produção brasileira de carne suína deverá atingir 1,4 milhão de toneladas, com incremento da ordem de 8% em relação ao volume produzido em 1994. Em termos de distribuição, a Região Sul responde por 63%, a Sudeste por 23%, a Centro-Oeste por 5%, a Nordeste por 7% e a Norte por 2%. Enquanto no Norte e Nordeste a atividade ainda se desenvolve em moldes tradicionais e de subsistência, no Sudeste, Sul e mais recentemente no Centro-Oeste, a suinocultura é desenvolvida com tecnologia moderna.

O bom desempenho da atividade, em 1995,

é resultado das perspectivas promissoras de fortalecimento do consumo de proteínas animais, e de retornos favoráveis aos criadores a partir da implementação do Plano de Estabilização Econômica no País, em julho de 1994. A recuperação dos preços ao produtor, no decorrer do segundo semestre do ano passado, os custos mais baixos dos principais insumos (milho e soja) e o favorecimento do consumo das carnes alternativas, face ao substancial crescimento das cotações do boi gordo, foram fatores decisivos de motivação ao criador para manutenção dos plantéis.

O bom nível de preços constatados no mercado, nos primeiros meses de 1995, favoreceram a iniciativa de novos investimentos produtivos na suinocultura nacional, uma vez que uma das principais características dessa atividade é o seu potencial de rápida resposta a estímulos econômicos. Tal iniciativa possibilitaria a manutenção da oferta em níveis elevados, visando o aquecimento da demanda nos meses de inverno. Entretanto, as condições climáticas foram amenas, o que, aliado à elevação acentuada da oferta de carne de frango a preços mais acessíveis, dificultou a concretização da expansão de demanda interna tanto para a carne suína quanto para a bovina.

Conseqüentemente, a disponibilidade interna de carne suína esteve acima da demanda durante todo o ano, forçando os preços a um ajuste às condições do mercado. Esse ajuste, entretanto, não acarretou conseqüências sérias aos criadores, uma vez que a relação de preços suíno: milho, um importante indicador de rentabilidade da atividade, permaneceu acima do valor mínimo historicamente desejável (6:1, isto é, preço de 1kg do animal pronto para abate possibilitando a compra de 6kg de milho) (Figura 2).

O Brasil tem ainda pouca expressão no comércio internacional de carne suína, mas grande potencial de competitividade externa, principalmente devido aos menores custos do produto brasileiro, comparativamente aos principais países produtores. A principal barreira às exportações brasileiras é de ordem sanitária, uma vez que o País não conseguiu ainda a eliminação total da Peste Suína Clássica. O êxito do Programa Nacional de erradicação da doença deverá atrair novos compradores para o produto brasileiro.

De acordo com a ABIEC, o volume estima-

do a ser enviado ao exterior, em 1995, é de 28.000 toneladas (contra 32.000 toneladas em 1994), pois o movimento exportador nacional foi penalizado pela política cambial praticada no País. De janeiro a outubro de 1995, as exportações brasileiras de carne suína totalizaram 20.093 toneladas, internalizando no País cerca de US\$49,0 milhões. Os principais importadores do produto brasileiro são Hong Kong e Argentina.

Para o Estado de São Paulo, a produção de carne suína está estimada em 130.000 toneladas. Apesar de responder por menos de 10% da produção nacional, São Paulo é o principal consumidor de produtos suínos do País (9,5kg *per capita*). A concretização do volume de produção estimado para 1995 significa crescimento de 16% em relação à produção de 1994. De acordo com a Associação Paulista de Criadores de Suínos, o incremento da produção paulista na presente década (da ordem de 30%) e, particularmente nos últimos dois anos, deve-se à melhoria da eficiência produtiva dos criadores, pelo aumento do número de matrizes/criador, hoje estimado, em média, em 263 matrizes/criador. Nos últimos dois anos, o percentual de aumento desse indicador foi de 8,5% ao ano, e a tendência do segmento de produção é, portanto, de incentivo a granjas de maior porte em detrimento das pequenas. A atividade deixa de ser economicamente viável para suinocultores que operam com número inferior a 95-105 matrizes.

Os preços praticados no mercado paulista, a partir de julho de 1994 (período pós-Plano Real), favoreceram o crescimento da oferta de carne suína no estado. A variação da cotação média mensal do animal pronto para abate foi superior a 30% entre julho e dezembro de acordo com o levantamento mensal de preços recebidos pelos produtores do IEA. As cotações dos pregões, realizados na Bolsa de Comercialização de Suínos de São Paulo, indicam crescimento equivalente.

A Bolsa de Comercialização de Suínos (BCS), à despeito de representar somente 8% do total comercializado no estado, caracteriza um importante referencial de preços atendendo à cerca de 50% dos negócios realizados em São Paulo, representando, pois, um importante instrumento para a organização e transparência desse mercado.

Em 1995, o crescimento da oferta frente a uma demanda estável impactou negativamente os

preços no mercado de suínos. Entretanto, as médias mensais obtidas não desestimularam a atividade, pela manutenção da relação de troca suíno: milho em níveis desejáveis.

A ausência de indicadores de reação positiva da demanda para os meses finais do ano pode desencadear um processo de descarte de matrizes e/ou venda de animais precoces, pela necessidade de rea-

lização de capital de giro para os produtores menos-capitalizados, o que, entretanto, só viria a ter influência no mercado nos meses iniciais de 1996, uma vez que a indústria vem desacelerando gradativamente suas compras, no sentido de evitar excesso de estoque e também evitar decréscimo acentuado dos preços no atacado e no varejo, caso exista dificuldade de pleno escoamento da oferta nos meses finais do ano.

NOTAS

¹Engenheiro Agrônomo. Pesquisador Científico do IEA.

²Engenheiro Agrônomo. MS, Pesquisador Científico do IEA.

³Médico Veterinário, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do IEA.

⁴Melloni. Eugenio. Frango francês voa mais alto que o brasileiro. *Gazeta Mercantil*. SP, 30 out. 1995.

⁵Balanco das exportações. *Poultry for export*. RJ, n.26, p.7-14, 1995.

⁶Tendências de consumo. *Aves e Ovos*, SP, v.11, n.4, p.8-22, fev. 1995.